

Revista Mídia e Cotidiano
ISSN: 2178-602X
Artigo Seção Temática
Volume 14, Número 3, set./dez. de 2020
Submetido em: 20/06/2019
Aprovado em: 11/08/2019

Conservadorismo acima de tudo e de todos: imaginários sociodiscursivos nos discursos de posse presidencial de 2019

Conservatism above all and everyone: sociodiscursive imaginary in 2019 presidential inauguration speeches

Conservadurismo por encima de todo y de todos: imaginarios sociodiscursivos en los discursos de inauguración presidencial de 2019

Mariana Ramalho PROCÓPIO¹
Maurício João VIEIRA FILHO²

Resumo

Este artigo tem como objetivo identificar e analisar como são construídas as representações para o Brasil, os brasileiros, o governo e o presidente nos discursos de posse presidencial de 2019. Para isso, utiliza-se como repertório teórico-metodológico a análise do discurso, notadamente a Teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau, com destaque para o conceito/categoria analítica dos imaginários sociodiscursivos. Nos pronunciamentos, constata-se que Bolsonaro mobiliza os imaginários sociodiscursivos relacionados à religião para se apresentar como salvador e messias; imaginários de corrupção e criminalidade para referir ao Brasil; imaginários de cidadão de bem e de mal para os brasileiros; e imaginários de libertação e futuro promissor para seu governo. Além de apresentar ataques aos governos anteriores, indica valores conservadores que nortearão seu mandato e retoma o fato de ter sobrevivido a uma facada.

Palavras-chave: Análise do discurso. Política. Discursos de posse. Imaginários sociodiscursivos. Jair Bolsonaro.

Abstract

This article aims to identify and analyze how representations for Brazil, Brazilians, the government and the president are constructed in the 2019 presidential inauguration speeches. For this, the analysis of discourse is used as theoretical-methodological

¹ Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa. Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais, com pós-doutorado realizado junto à Lancaster University, UK. Co-líder do grupo de pesquisa DIZ - Discursos e Estéticas da Diferença. E-mail: mariana.procopio@ufv.br. ORCID: 0000-0001-9661-5883.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail: mauriciovieiraf@gmail.com. ORCID: 0000-0001-9638-7390.

repertoire, notably Patrick Charaudeau's Semiolinguistic Theory, with emphasis on the analytical concept/category of sociodiscursive imaginary. In the statements, it appears that Bolsonaro mobilizes the sociodiscursive imaginary related to religion to present himself as a savior and messiah; imaginary of corruption and crime to refer to Brazil; imaginary of citizens of good and evil for Brazilians; and imaginary of liberation and a promising future for your government. In addition to presenting attacks on previous governments, conservative values that will guide his mandate and resume the fact that he survived a stab.

Keywords: Analysis of discourse. Politics. Inauguration speeches. Sociodiscursive imaginary. Jair Bolsonaro.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo identificar y analizar cómo se construyen las representaciones para Brasil, los brasileños, el gobierno y el presidente en los discursos de inauguración presidencial de 2019. Para eso, se utiliza el análisis del discurso como repertorio teórico-metodológico, destacando la Teoría Semiolingüística de Patrick Charaudeau, con énfasis en el concepto/categoría analítica de imaginario sociodiscursivo. En las declaraciones, aparece que Bolsonaro moviliza el imaginario sociodiscursivo relacionados con la religión para presentarse a sí mismo como un salvador y mesías; imaginarios de corrupción y criminalidad para referirse a Brasil; imaginarios de ciudadanos del bien y del mal para los brasileños; y imaginarios de liberación y un futuro prometedor para su gobierno. Además de presentar ataques a los gobiernos anteriores, valores conservadores que guiarán su mandato y reanudar el hecho de que él sobrevivió una puñalada.

Palabras clave: Análisis del discurso. Política. Discursos de inauguración. Imaginarios sociodiscursivos. Jair Bolsonaro.

Introdução

As eleições de 2018 remetem a um cenário político de instabilidades no Brasil, em configuração, pelo menos, desde 2013. As manifestações de junho de 2013 e as eleições de 2014, posteriormente as delações na Operação Lava Jato e o impedimento da continuidade do mandato de Dilma Rousseff, fizeram com que a política brasileira fosse “recortada por uma crescente onda de insatisfações e descrenças por parte da população, cujos efeitos foram sentidos na relação estabelecida entre mandantes e mandatários” (MIRA, 2017, p. 15). Ainda, para o pesquisador, sob a ótica de outros autores que dialogam em sua dissertação, “a atuação da mídia como ator político e espaço de articulação e construção de sentidos sociais ganha destaque a partir de debates a respeito

do funcionamento das democracias e do avanço nos estudos em comunicação, com efeitos na política” (MIRA, 2017, p. 17). Ademais, a internet, vista como um meio comunicacional potencialmente alternativo e democrático, propiciou uma relação que modificou os contextos dos mandatos e ocasionou modificações nas ações políticas.

Tendo em vista este cenário político, verifica-se que a campanha eleitoral de Jair Bolsonaro foi, fundamentalmente, construída pela internet, se apropriando das redes sociais. O não comparecimento em debates de televisão e eventos de rua, sob a justificativa de recuperação de um atentado sofrido na cidade de Juiz de Fora (MG), fez com que a campanha bolsonarista fosse edificada unilateralmente pelas plataformas digitais, isto é, Bolsonaro concentrou-se em construir estratégias para cativar um público específico em seus perfis no *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*. Com o slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, a campanha foi feita a partir de um rótulo antipetista, disseminação de discursos conservadores e veiculação de notícias falsas (por exemplo, o “kit gay”).

Nas redes sociais do candidato, houve um intenso trabalho de publicações de conteúdos que o beneficiassem. Apoiadores que compartilhavam as postagens pró-Bolsonaro e o engajamento de seus filhos nas redes sociais (sendo três deles inseridos também no âmbito político brasileiro), compuseram a articulação dessa trama de apoio. A estratégia também contava com um conjunto de páginas e sites coordenados por um mesmo grupo, chamado de Raposo Fernandes Associados (RFA), cujo objetivo era aumentar o engajamento de internautas que poderiam ser potenciais eleitores, a partir da publicação de reportagens e referências favoráveis a Bolsonaro e difusão de rumores³. Essa articulação no meio on-line, junto à disseminação de seus posicionamentos e sem intervenções de debates políticos, culminou em sua ascensão e no resultado do segundo turno do processo eleitoral.

³ Esse esquema foi denunciado pelo portal Estadão em 12 de outubro de 2018. A matéria aponta que o grupo RFA, coordenado pela empresa Novo Brasil Empreendimentos Digitais Ltda, conseguiu engajamento numérico nas redes sociais, principalmente no Facebook, maior que páginas de celebridades mundialmente conhecidas. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,rede-probolsonaro-engaja-mais-do-que-madonna-e-neymar,70002544629>. Acesso em: 3 abr. 2019.

Nesse sentido, a vitória⁴ de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018 foi percebida por analistas políticos como a ascensão de uma onda conservadora no país, que tem como objetivo modificar o cenário social, cultural e político brasileiro, por meio da tentativa de manutenção das instituições tidas como tradicionais e da cristalização de costumes e moralidades. “Seus quase 30 anos na Câmara foram pautados pela adoção de um discurso agressivo e radical, incluindo ataques a gays e mulheres, defesa da ditadura militar, de um novo golpe de Estado, assassinato de criminosos, entre outros pontos” (FOLHA DE S. PAULO, 2018, on-line). Esse movimento conservador coincide com fenômenos similares em outras partes do mundo, haja vista a eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, e o *Brexit* — abreviatura inglesa dada à saída do Reino Unido da União Europeia.

A entrada no cargo de presidente acontece com a posse no primeiro dia do ano do início do mandato. Nesse momento, cerimônias marcadas por rituais tradicionais (passagem de faixa presidencial, salva de tiros de canhão, desfiles, reproduções do hino nacional, discurso de posse, entre outros detalhes) ocorrem para simbolizar o começo do exercício do novo governante. Em 2019, transcorreram situações durante a cerimônia que valem uma pontuação. Destacam-se os ataques e as hostilizações aos veículos de comunicação jornalística presentes no local e seus repórteres, como ao Grupo Folha e à TV Globo, em contrapartida, à exaltação positiva das redes sociais por parte dos bolsonaristas, com gritos fervorosos ao *WhatsApp* e *Facebook* (FOLHA DE S. PAULO; SPOTIFY STUDIOS, 2019). Essa postura parece sinalizar o descrédito incentivado pela campanha bolsonarista aos meios de comunicação, a disseminação dos boatos e notícias falsas nas redes sociais e os ataques à mídia por parte de Bolsonaro, sua campanha e seus admiradores.

No decorrer do ato de posse, aconteceu o primeiro discurso dentro do Congresso Nacional, voltado aos políticos, de maneira mais institucional. Após receber a faixa presidencial de Michel Temer, Bolsonaro discursou na Praça dos Três Poderes direcionando-se à multidão de apoiadores. Nesse momento, o presidente apresentou um

⁴ O resultado eleitoral foi obtido após o segundo turno, disputado por Fernando Haddad, candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), e Jair Bolsonaro, na época candidato do Partido Social Liberal (PSL). Conforme divulgação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o resultado foi 55,13% dos votos válidos para Bolsonaro e 44,87% para Haddad.

tom mais enérgico, buscando aprovação e concordância de seu eleitorado interessado em sua agenda conservadora.

Tomando, pois, estes dois discursos como nossos objetos de análise, este artigo tem como objetivo identificar e analisar como são construídas as representações para o Brasil, os brasileiros, o governo e o presidente nos discursos de posse presidencial de 2019. Entendemos que essas representações podem ser apreendidas por meio de uma investigação dos imaginários sociodiscursivos, conceito formulado pelo linguista Patrick Charaudeau em sua Teoria Semiolinguística de análise do discurso, que será por nós tomado como categoria teórico-conceitual.

Discurso político e discurso de posse

Neste trabalho, filiamo-nos à abordagem teórico-metodológica da Análise do Discurso, notadamente nos trabalhos de Patrick Charaudeau em sua Teoria Semiolinguística. Segundo tal vertente, os discursos podem ser apreendidos como jogos, nos quais as palavras devem ser apreendidas também pelo que elas querem dizer e pelos efeitos de sentido que provocam e não apenas pelo não dito, pelo sentido explícito.

Assim, associando essa premissa ao discurso político, nota-se que é necessário se atentar também aos lugares de fabricação desse discurso, já que um enunciado pode ter um sentido político em determinado contexto devido à interação. “Não é, portanto, o discurso que é político, mas a situação de comunicação que assim o torna” (CHARAUDEAU, 2011, p. 40). Ainda nesta perspectiva, Charaudeau (2011) aponta três lugares do discurso político: como sistema de pensamento, que busca inserir um ideal político através de princípios que serão base para criação de posicionamentos e opiniões; como ato de comunicação, em que aprovações, negações e acordos tentam ser estabelecidos; e como comentário, não sendo precisamente direcionado a fins políticos, mas um revelador de opiniões dos sujeitos. Em nossa análise, vamos nos atentar para o discurso como ato de comunicação, sendo que

ele resulta de aglomerações que estruturam parcialmente ação política (...) e constroem imaginários de filiação comunitária, mas, dessa vez, mais em nome de um comportamento comum, mais ou menos ritualizado, do que de um sistema de pensamento, mesmo que este perpassse aquele. Aqui, o discurso político dedica-se a construir imagens

de atores e a usar estratégias de persuasão e de sedução, empregando diversos procedimentos retóricos. (CHARAUDEAU, 2011, p. 40)

À vista disso, os discursos de posse, um dos gêneros⁵ do discurso político, se enquadram neste lugar de fabricação do discurso político, uma vez que dizem respeito ao ator político — presidente eleito — buscando trazer adesões dos cidadãos para si e para seu governo e construir uma imagem positiva publicamente, a partir do seu primeiro pronunciamento oficial no cargo. Ao se posicionar frente ao púlpito e ler seu pronunciamento, tanto para os parlamentares do Congresso Nacional quanto para o público presente na Esplanada dos Ministérios, o presidente emprega estratégias eloquentes, que visem atingir aqueles públicos e construir uma imagem desejada por ele, seu partido e seus aliados. É preciso também ressaltar que a enunciação marcada pelos discursos de posse, em seus dois momentos, foi televisionada e repercutida midiaticamente.

Como traz o jornalista Mario Rosa Júnior, na apresentação do livro *Palavra de presidente: os discursos presidenciais de posse, de Deodoro a Lula*, de João Bosco Bezerra Bonfim, “será este [discurso] a entrar para a História, pois traz em seu bojo sua razão de ser” (ROSA JÚNIOR, 2008 *apud* BONFIM, 2008, p. 3). Considerando tais colocações, percebe-se que o discurso de posse é o primeiro ato institucional do presidente, que tende a marcar sua história, como também a do país e dos cidadãos. Nele, as propostas anunciadas ou mesmo as suas omissões indicam questões do país que serão ou não trabalhadas pelo mandante. Em relação aos cidadãos, as formas de tratamento e de referência empregadas a eles indicam a visão do governo vigente sobre os mesmos, revelando traços de como esta relação parece ser projetada para o futuro. Quanto ao presidente, o discurso traz sinalizações de suas crenças, valores morais, sua identidade.

Imaginários sociodiscursivos

Na perspectiva semiolinguística, a noção de imaginários sociodiscursivos (CHARAUDEAU, 2011, 2017) é valiosa, visto que sua compreensão é coletiva, ou seja, os imaginários circulam em grupos sociais e são produzidos integrando elementos de

⁵ Ao falarmos que existem gêneros do discurso político, queremos lembrar da existência de outros além do discurso de posse, como a propaganda política, por exemplo.

ordens afetivas e racionais. Os imaginários são, pois, formas de compreensão do mundo construindo significações aos objetos, seres humanos, comportamentos e fenômenos, mudando a realidade para um real significante. Assim, para Charaudeau (2017), os imaginários são tratados como sociodiscursivos por se qualificarem dentro de campo de práticas sociais, como é a política, e por serem realizados de diferentes maneiras em enunciados linguageiros. É bom lembrar que, conforme o contexto onde está inserido, o imaginário pode ganhar uma qualidade boa ou ruim.

Uma vez que os imaginários “dão testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais” (CHARAUDEAU, 2011, p. 207), tal conceito pode nos auxiliar a compreender quais são os discursos mobilizados para justificar ou questionar determinadas ideias circulantes na sociedade. Assim, neste trabalho, adotamos o conceito de imaginários sociodiscursivos duplamente, como referencial teórico e categoria analítica. Tal abordagem se justifica pelo fato de a teoria Semiolinguística se apresentar, no âmbito dos estudos discursivos, como um completo arsenal teórico-metodológico.

Para que possamos identificar os imaginários sociodiscursivos depreendidos de um determinado discurso (objeto de análise), é preciso também que estejamos atentos aos diversos tipos de saberes revelados pelo material analisado. Charaudeau (2017) propõe que tais saberes sejam identificados em dois grupos principais: os de conhecimento e os de crença.

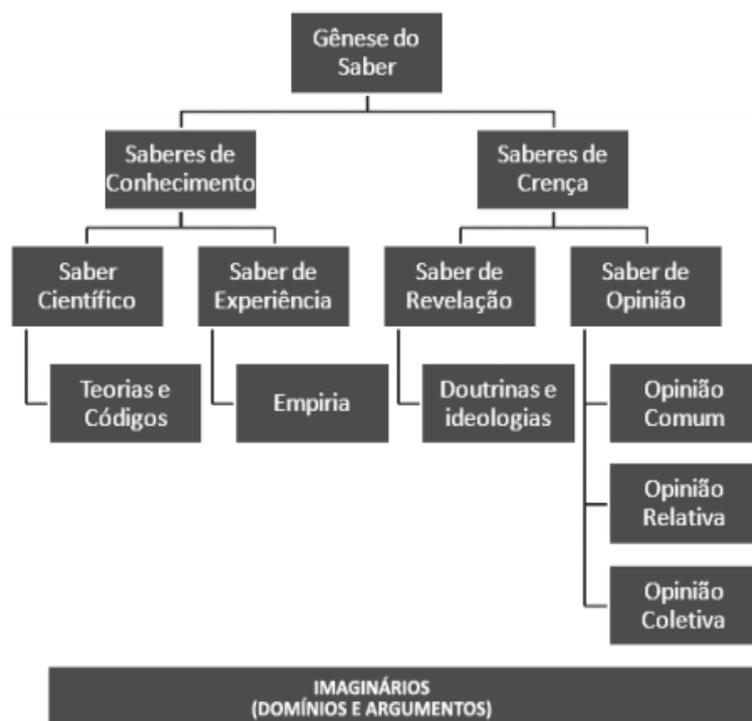
Para constituir verdade sobre os fenômenos do mundo, os saberes de conhecimento vão além da subjetividade, são saberes verificáveis e objetivos. Suas fundamentações são exteriores às pessoas, eles “[...] dizem respeito aos fatos do mundo e à explicação que se pode dar sobre o porquê ou o como desses fenômenos” (CHARAUDEAU, 2011, p. 197). Eles podem ser subdivididos em duas categorias: saber científico e saber de experiência. O primeiro é da ordem da razão científica, a qual apresenta procedimentos que garantem sua objetividade, mediante cálculos, experiências e observações, e que podem ser replicados e provados por qualquer pessoa. Já o segundo traz explicações sobre as coisas do mundo que se colocam ao conhecimento, sem a possibilidade de serem provadas. O saber de experiência é válido na medida que um

indivíduo tenha experimentado aquilo e que qualquer outro possa experimentar nas mesmas circunstâncias.

Os saberes de crença se estabelecem a partir das avaliações e julgamentos sobre fenômenos e coisas do mundo, relacionado, “portanto, aos valores que lhe [mundo] atribuímos e não ao conhecimento sobre o mundo, que é um modo de explicação centrado na realidade e que, supostamente, não depende de julgamento humano [...]” (CHARAUDEAU, 2011, p. 198). A crença é portadora de julgamento e é um filtro de interpretação do sujeito. Este saber também se subdivide em dois tópicos: saber de revelação e saber de opinião. A revelação exige um movimento de aprovação total dos sujeitos e, para isso, deve ter textos que sejam testemunhos dessas verdades. Um exemplo são os escritos da Bíblia. Já a opinião consiste em uma avaliação subjetiva, na qual o sujeito apropria-se de um julgamento das coisas do mundo, por meio da adesão de um saber dentre os existentes em circulação nos grupos sociais. Isto evidencia que se trata de um saber ora pessoal e ora compartilhado. Ainda sobre este saber, cabe a distinção entre três tipos de opinião: (i) a comum — generalizada e que busca amplo partilhamento; (ii) a relativa — que é mais limitada e tem origem de um sujeito ou de um pequeno grupo; (iii) a coletiva — que parte de um grupo sobre outro.

A fim de melhor explicarmos os saberes e suas subdivisões, valemo-nos do diagrama proposto por Procópio (2009):

Figura 1 – Diagrama que reúne os saberes que formam os imaginários sociodiscursivos



Fonte: PROCÓPIO (2009, p. 188), adaptado de Charaudeau.

Ao considerar esta perspectiva, é importante situar que os imaginários se sustentam a partir desses saberes supracitados. Será, pois, pela identificação dos tipos de saber e por suas diferentes formas de apresentação (citações teóricas, relatos de experiência, referências bíblicas e doutrinárias, opiniões, julgamentos e avaliações individuais) em um discurso, que seremos capazes de encontrar as diferentes imagens e representações projetadas por tal discurso. Ainda, é preciso considerar que tanto saberes quanto imaginários não podem ser tomados essencialmente como verdadeiros, falsos, corretos, errados, pois seu uso, reconhecimento e compartilhamento depende sempre das condições de produção e de recepção de um determinado ato de linguagem. De acordo com os preceitos de Charaudeau (2011, 2017), os imaginários podem ganhar valores axiológicos de bom ou ruim/certo ou errado e, neste caso, este reconhecimento não depende só de quem o projeta, mas, principalmente, de quem o recebe e de o que essa pessoa mobiliza como referências e valores.

Construção das representações para o Brasil, os brasileiros, o governo e o presidente nos discursos de posse presidencial em 2019

Conforme pontuado, interessa-nos, neste trabalho, identificar e analisar como são construídas as representações para o Brasil, os brasileiros, o governo e o presidente nos discursos de posse presidencial de 2019. Para tal análise, adotamos como procedimento teórico-metodológico principal a Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau, notadamente o conceito de imaginários sociodiscursivos, tomado por nós também como categoria de analítica.

Para fins de organização metodológica, partimos para uma análise das transcrições textuais dos dois pronunciamentos realizados pelo presidente no momento de sua posse. Procuramos, inicialmente, caracterizar cada um desses atos de linguagem, identificando os elementos do contrato comunicacional (CHARAUDEAU, 2008) que os regia. A caracterização de cada uma dessas situações de comunicação foi apresentada na introdução deste trabalho.

Em seguida, procuramos observar os procedimentos discursivos (enunciativos, descritivos, narrativos e argumentativos) utilizados pelo sujeito enunciador Jair Bolsonaro para se referir aos temas que nós havíamos previamente elencado: Brasil, brasileiros, governo e presidente. Assim, toda vez que o presidente se referia, em seu discurso, a algum desses temas, procurávamos refletir sobre a organização do discurso em tais casos, sobretudo ressaltando os tipos de saber que sustentavam os imaginários projetados para tais temáticas. Tais imaginários são, portanto, reveladores do modo como Jair Bolsonaro compreende e constrói significados para o Brasil, os brasileiros, o governo e para o cargo no qual está empossado.

A partir das análises realizadas, foi possível perceber que não são mobilizados saberes de conhecimento científico nos discursos de posse de Jair Bolsonaro. Isto significa dizer que, para qualquer uma das temáticas analisadas, não foram encontrados procedimentos discursivos pautados na ciência, na objetividade, nas observações estruturadas que pudessem ser replicados e provados. Uma vez que os saberes de conhecimento científico não foram mobilizados, podemos dizer que os imaginários sociodiscursivos projetados pelos discursos de posse de Bolsonaro não se sustentam pela ciência.

Nossas análises também revelaram a inexistência de saberes de conhecimento de experiência nos discursos de posse. Os saberes de conhecimento de experiência são provenientes da empiria e são considerados objetivamente válidos, conforme Charaudeau (2017), na medida que a experiência de um indivíduo pode ser experimentada por outros nas mesmas circunstâncias. Este costuma ser um saber muito empregado no contexto político, quando o sujeito em questão apresenta suas experiências no exercício da profissão para legitimar e provar sua trajetória ou mesmo para aproximar determinados momentos de sua narrativa de vida de seu auditório. Todavia, o presidente Jair Bolsonaro não fez uso de procedimentos discursivos sinalizadores de um saber de experiência.

Existe, contudo, nos discursos de posse analisados, uma predominância de saberes de crença, sobretudo os de revelação, atrelados ao domínio religioso. A seleção lexical de Bolsonaro reflete a tradição judaico-cristã cristalizada em léxicos como Deus, milagre, culpa, benção, etc. Logo, existe a mobilização de um saber de crença, tanto baseado em revelações doutrinário-dogmáticas quanto em avaliações subjetivas, apropriadas por Bolsonaro e atribuídas ao mundo.

Para melhor organizarmos as análises, apresentaremos a discussão dos imaginários para cada uma das temáticas elencadas. Destacaremos os principais procedimentos discursivos utilizados para configurar os saberes de crença e os respectivos imaginários.

Imaginários sociodiscursivos atribuídos ao Brasil

Para se referir ao Brasil, Bolsonaro apresenta: “Aproveito este momento solene e convoco, cada um dos Congressistas, para me ajudarem na *missão de restaurar e reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica.*” (BOLSONARO, 2019a, grifo nosso). O país, nas palavras de Bolsonaro, é nomeado pelo substantivo feminino pátria e especificado pelo pronome possessivo nosso. Em seu enunciado, Bolsonaro sinaliza que considera o país como preso à corrupção, à criminalidade, à irresponsabilidade econômica e à doutrinação ideológica, uma vez que precisa deles libertá-lo. Entende-se, de modo subentendido, que o país está nessa situação pelos governos anteriores. Ao associar o Brasil à corrupção, Bolsonaro entende que o país é marcado pela criminalidade política e

que apenas seu governo seria capaz de solucioná-la. Não somente uma criminalidade no sentido de corrupção, mas de forma geral, uma vez que a posse de armas de fogo foi um dos seus pontos fortes de sua campanha presidencial. Ao fazer uso dos verbos restaurar e reerguer, entende-se que o Brasil está “quebrado”, “caído” e o conserto será feito por este mandato. Em relação à “submissão ideológica”, não são apresentadas quais seriam as ideologias e nem como se apresenta essa relação de força, de submissão.

Adiante, ele diz: “O Brasil *voltará a ser um país livre de amarras ideológicas*” (BOLSONARO, 2019a, grifo nosso). O uso do verbo voltar nos permite subentender que o Brasil já foi livre e que, no momento, não é mais. Embora não esteja explícito, infere-se que o agente responsável pela prisão do Brasil é o governo do PT, uma vez que o presidente sempre se refere a tal período como marcado por ideologias. A prisão, a que se refere, seriam as amarras ideológicas. O presidente não sinaliza, por meio de argumentos ou demais procedimentos discursivos, porque considera ideologias como prisão. Ainda, estas só são percebidas com um valor axiológico negativo e estariam ausentes naquilo que ele defende.

No fim do primeiro discurso, Bolsonaro afirma que, a partir de seu mandato, começa uma nova história: “Um capítulo no qual o *Brasil será visto como um país forte, pujante, confiante e ousado*” (BOLSONARO, 2019a, grifo nosso). O presidente faz uso da modalidade futuro para projetar uma imagem positiva para o país e que, no presente, pode-se entender que, em sua visão, o país é fraco (oposto de forte e pujante), incrédulo (oposto de confiante) e sem inovações (oposto de ousado). Todavia, não são apresentados argumentos e detalhamentos discursivos do planejamento político-governamental do presidente para “alterar” essa imagem do país.

No fim do discurso de posse no Congresso Nacional, ele diz: “(...) trabalharei incansavelmente para que o *Brasil se encontre com o seu destino* e se torne a grande nação que queremos” (BOLSONARO, 2019a, grifo nosso), o que nos remete à ideia de que o Brasil é um país sem rumo e desgovernado, que saiu dos trilhos de seu destino. Ainda, em tal afirmação, percebemos a sustentação do saber transcendental-religioso, segundo o qual o Brasil estava destinado a ser uma grande nação.

A sustentação do imaginário de país abençoado, ancorado no domínio religioso, está também presente no trecho “(...) *terras férteis abençoadas por Deus* (...)”

(BOLSONARO, 2019b, grifo nosso). Percebemos aqui a alusão religiosa e também à carta de Pero Vaz de Caminha, enviada ao rei Dom Manuel sobre a descoberta do Brasil e as impressões deste lugar, reveladora de um imaginário de exuberância natural e divina. Ao mobilizar tal argumento, Bolsonaro sinaliza que, em sua opinião, o problema do país não são os recursos naturais, mas as pessoas, fundamentalmente aquelas que se opõem aos ideais políticos por ele defendidos.

Outro ponto a ser considerado é o slogan de campanha: “*Brasil acima de tudo e Deus acima de todos*” (BOLSONARO, 2019a, 2019b, grifo nosso), que sinaliza um imaginário de ufanismo, isto é, de um patriotismo exagerado, como também do entendimento da vontade divina como soberana. A análise do slogan também nos permite pontuar que há um interdiscurso que se assemelha ao “*Alemanha acima de tudo*” (*Deutschland über alles*), verso de uma canção nacionalista de August Heinrich Hoffmann, que ganhou força durante o nazismo, já que Hitler era fã da canção.

Em suma, os imaginários de Brasil propostos por Bolsonaro são ligados ao país da corrupção e da criminalidade, o que pode ser solucionado, principalmente, pelas bênçãos de Deus e por seu mandato. Isso nos indica um patriotismo exacerbado alinhado a uma ideia de divindade e proteção de Deus.

Imaginários sociodiscursivos atribuídos aos brasileiros

Ao realizar menções aos brasileiros, Bolsonaro apresenta imaginários relacionados a dois tipos. Primeiro, ele traz explicitamente a ideia de cidadão de bem, que seriam aqueles sujeitos que querem se auto defender da violência (legítima defesa) e que seriam seu eleitorado. Ser cidadão de bem, na visão de Bolsonaro, são aquelas pessoas regidas por uma moral cidadã ou religiosa cristã e que são adeptas de uma política parecida com a dele. Ao qualificar um grupo de brasileiros como “cidadãos de bem”, ele realiza uma segregação de indivíduos (de bem e de mal), contribuindo bastante para a polarização crescente no país, tentando atrair seus eleitores por se identificarem com este imaginário. Este comportamento discursivo é evidenciado no trecho: “O *cidadão de bem* merece dispor de meios para se defender, respeitando o referendo de 2005, quando optou, nas urnas, pelo direito à legítima defesa” (BOLSONARO, 2019a, grifo nosso). Este referendo citado é sobre a comercialização de armas de fogo e munição no país, no qual

os brasileiros deveriam votar “sim” ou “não” para a pergunta “O comércio de armas de fogo e munição deve ser proibido no Brasil?”. Neste mesmo trecho, para os cidadãos de bem, Bolsonaro emprega o verbo transitivo direto merecer. Em uma análise semântica e axiológica, o sujeito que merece, o faz por direito, por ser portador de determinadas condutas e qualidades consideradas como positivas. No caso, as qualidades e condutas do cidadão de bem são aquelas que o aproximam de Bolsonaro.

Implicitamente, se há um cidadão de bem é porque há um de mal, que seria, na visão de Bolsonaro, o sujeito que não é seu eleitor e, fundamentalmente, atua na sua oposição, sendo classificado por ele como sujeito que tem posicionamentos de esquerda. Essa divisão, contudo, não seria sua responsabilidade, pois ele menciona que “(...) ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros” (BOLSONARO, 2019b, grifo nosso). Mais uma vez, a responsabilidade por essa setorização não é sua e nem seu governo, mas daqueles que se ligaram às ideologias. Interessante que aqui estas estão qualificadas – nefastas – mas, em nenhum outro momento são apresentadas ideologias do bem.

Outro momento em que o imaginário de separação de grupos de brasileiros é realizado pode ser percebido pelo excerto abaixo:

Daqui em diante, nos pautaremos pela vontade soberana *daqueles brasileiros*: que querem boas escolas, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho e não para a militância política; que sonham com a liberdade de ir e vir, sem serem vitimados pelo crime; que desejam conquistar, pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias; que exigem saúde, educação, infraestrutura e saneamento básico, em respeito aos direitos e garantias fundamentais da nossa Constituição (BOLSONARO, 2019a, grifo nosso).

Nota-se que a contração “daquele” (preposição de + pronome demonstrativo aquele) indica que são brasileiros específicos que desejam esses pontos que ele traz. Ou seja, aqueles que não compactuam com ele não são dignos dessas pautas. Somente o grupo de brasileiros cujas características coincide com aquelas que ele enumera é que devem ser considerados pelo governo.

Por fim, cumpre ressaltar a existência de outro imaginário sociodiscursivo relacionado ao brasileiro. Na visão de Bolsonaro, houve esforço e engajamento dos brasileiros para que ele fosse eleito. “*Nada aconteceria sem o esforço e o engajamento*

de cada um dos brasileiros que tomaram as ruas para preservar nossa liberdade e democracia” (BOLSONARO, 2019a, grifo nosso). Assim, para o presidente, os brasileiros podem ser caracterizados pela força de vontade, pela participação ativa.

Portanto, o brasileiro, para Bolsonaro, está dividido em dois grupos. Os cidadãos de bem seriam aqueles sujeitos que compartilham valores e moralidades conservadores, ideologias políticas de direita e são adeptos/apoiadores do seu governo. É a esse grupo que o presidente se dirige majoritariamente. Em oposição, há os cidadãos “de mal”, que não são ditos explicitamente, mas que estão subentendidos por oposição discursiva e podem ser caracterizados como contrários às políticas e ao governo bolsonarista.

Imaginários sociodiscursivos atribuídos ao governo

Nos discursos, o governo bolsonarista é marcado por uma coletividade, em que Bolsonaro governaria juntamente à população e aos órgãos político-administrativos, tentando desfazer a imagem de tirânico e autoritário, como na frase: “*Pretendo partilhar o poder, de forma progressiva, responsável e consciente, de Brasília para o Brasil; do Poder Central para Estados e Municípios*” (BOLSONARO, 2019a, grifo nosso).

Bolsonaro faz diversas citações ao Congresso Nacional. Apresentamos, inicialmente, um excerto já destacado: “Aproveito este momento solene e convoco, cada um dos Congressistas, para me ajudarem na *missão de restaurar e reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica*” (BOLSONARO, 2019a, grifo nosso). Aqui, nota-se que o uso do verbo convocar sinaliza para um chamamento mais forte que um convite, algo que seria irrecusável e compulsório. Podemos fazer uma analogia ao alistamento militar, que é uma convocação de homens para prestar serviços militares, algo que esteve ligado ao passado de Bolsonaro. Ainda, o substantivo missão está associado a uma concepção religiosa, de missionários, o que remonta novamente à sua configuração religiosa, como um enviado divino para solucionar os problemas por ele elencados no discurso.

Ao dizer “*Contamos com o apoio do Congresso Nacional para dar respaldo jurídico aos policiais para realizarem seu trabalho*” (BOLSONARO, 2019a, grifo nosso), o presidente sinaliza novamente que pretende ter o Legislativo a seu lado, como uma

espécie de aliado para a realização (provavelmente aprovação) de suas ideias. Neste caso específico, ele ilustra com o trabalho dos policiais, profissionais que costumam estar associados aos cenários de violência e criminalidade, que, segundo Bolsonaro, caracterizariam o país. Se o Congresso será necessário para dar respaldo jurídico às atividades de tal categoria profissional, pode ser que seja por seu interesse em projetá-las para além de uma atuação regulada pelos instrumentos juridicamente estabelecidos.

Ainda em relação ao Congresso, Bolsonaro diz a este auditório: “*Vamos valorizar o Parlamento, resgatando a legitimidade e a credibilidade do Congresso Nacional*” (BOLSONARO, 2019a, grifo nosso). Neste momento, o presidente parece assumir um compromisso específico com seu interlocutor, no caso, os deputados. Ao prometer valorizá-los e regatar sua legitimidade e credibilidade, o presidente sinaliza que, atualmente, estes não seriam legítimos tampouco críveis enquanto instituição. Cumpre ressaltar, contudo, que, até à eleição, Bolsonaro era também um parlamentar.

Bolsonaro reforça que o governo será uma espécie de solucionador dos problemas do país. Na frase a seguir evidenciamos esta análise. “*Respeitando os princípios do Estado Democrático, guiados pela nossa Constituição e com Deus no coração, a partir de hoje vamos colocar em prática o projeto que a maioria do povo brasileiro democraticamente escolheu. Vamos promover as transformações que o país precisa*” (BOLSONARO, 2019b, grifo nosso). Consta-se que ele propõe uma espécie de receita para sanar estes problemas, na qual os ingredientes são: princípios democráticos, Constituição e Deus. Porém, devemos salientar que o Brasil é um estado laico, ou seja, não deveria nele existir interferências políticas de vieses religiosos. Porém, Bolsonaro coloca estes três referenciais (estado democrático, Constituição e Deus) no mesmo patamar e como complementares. No caso, pontua-se que a posição religiosa do governo bolsonarista seria ligada ao cristianismo. Ainda, ao fazer uso do verbo precisar, Bolsonaro coloca o país em uma situação de falta, de necessidade. As transformações que ele pretende fazer seriam, pois, responsáveis por reverter tal situação de falta.

Outro imaginário ligado ao governo é o de confiança e esperança. Nos excertos “*Os favores politizados, partidarizados devem ficar no passado, para que o Governo e a economia sirvam de verdade a toda nação*”, “*Por muito tempo, o país foi governado atendendo a interesses partidários que não o dos brasileiros. Vamos restabelecer a*

ordem neste país” e “(...) E ao governo cabe ser *honesto e eficiente*” (BOLSONARO, 2019b, grifo nosso), percebemos a projeção de um imaginário de novo país, instaurado por este novo governo. A confiança e a esperança estão atreladas a um governo que se projeta como contrário ao anterior; na visão dele, marcado por partidarismo, pela corrupção.

Por fim, é preciso evidenciar o fragmento “Esses desafios só serão resolvidos mediante um verdadeiro *pacto nacional entre a sociedade e os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário*, na busca de novos caminhos para um novo Brasil (BOLSONARO, 2019a, grifo nosso). Neste trecho, Bolsonaro evoca a existência de um pacto, léxico que exprime a existência de uma aliança forte, como, por exemplo, os pactos de sangue, uma espécie de contrato que liga as partes em um elo inseparável. Ao projetar para seu governo a existência de um pacto, o presidente coloca sob suspeição a independência dos três poderes, cláusula pétrea da Constituição Federal. Um pacto entre Executivo, Legislativo e Judiciário poderia causar uma sobreposição de poderes, afetando a independência de cada um, assegurada constitucionalmente.

Em síntese, nota-se que Bolsonaro projeta dois tipos de governo: o anterior, realizado principalmente pelo PT e aquele que se inicia com seu mandato. O governo do passado seria o do “mal”, ligado aos partidos de esquerda que, para ele, são os verdadeiros culpados por arruinarem o país e as pessoas. Seu mandato demarca o outro tipo de governo, aquele que resolverá todos os problemas apontados nos discursos e que, finalmente, “libertará” o país do seu passado. Seu governo será, pois, marcado por uma ordem política e social conservadora.

Imaginários sociodiscursivos atribuídos ao presidente

Por fim, procuramos observar quais imaginários Bolsonaro projetava para si e para o cargo de presidente. Indubitavelmente, nossas análises permitem dizer que Bolsonaro projeta para si o imaginário de salvador, como aquele sujeito político capaz de sanar as problemáticas brasileiras e proteger a todos daquele “mal” já enunciado. Ademais, ao referir-se ao atentado sofrido na campanha eleitoral, Bolsonaro projeta para si a imagem de um messias que teve sua vida salva por Deus, por um milagre, algo que ele coloca em evidência em diferentes momentos do pronunciamento. Destacamos o excerto abaixo:

Esse momento não tem preço. Servir à Pátria como chefe do Executivo. E isso só está sendo possível porque Deus preservou a minha vida. E vocês acreditaram em mim. Juntos temos como fazer o Brasil ocupar o lugar de destaque que ele merece no mundo e trazer paz e prosperidade para o nosso povo (BOLSONARO, 2019b).

Ainda para si, Bolsonaro tenta projetar um imaginário de eficiência, ao mencionar que sua campanha eleitoral foi a mais barata da história, algo que, em sua visão, seria motivo de orgulho para um presidente. Ele ainda coloca sua campanha como um momento “cívico”, ou seja, um movimento que atraiu os cidadãos para as ruas em sua defesa e apoio. A seguir, podemos exemplificar estas considerações com o trecho: “Uma campanha eleitoral transformou-se em um *movimento cívico*, cobriu-se de *verde e amarelo*, tornou-se espontâneo, forte e indestrutível, e nos trouxe até aqui” (BOLSONARO, 2019a, grifo nosso). Nesta frase há uma conotação positiva ao momento cívico e, novamente, traz uma ideia de patriotismo. As cores citadas parecem ter sido tomadas para si.

Nesta perspectiva, ele revela “*Minha campanha eleitoral atendeu aos chamados das ruas* e forjou o compromisso de colocar o Brasil acima de tudo, e Deus acima de todos” (BOLSONARO, 2019a, grifo nosso), o que sinaliza para uma representação de alguém atento ao povo. Ele se apresenta como alguém que ouviu os desejos (chamados) da população e conseguiu trazer isso em sua campanha, ancorando a ideia do chamado novamente em uma concepção de ordem religiosa. Neste ponto, vale destacar o uso do verbo ‘forjar’ que significa “1. Trabalhar, aquecer ou fazer alguma coisa na forja; 2. fabricar, inventar, fazer; 3. planejar; 4. falsificar, desvirtuar.” (AMORA, 2009, p. 324). Assim, com este verbo, ele salienta uma tentativa de atuar do mesmo modo que trabalha em uma forja moldando metais pesados. Figurativamente, Bolsonaro sinaliza que trabalhará arduamente, de forma intensa, projetando para si a imagem de alguém comprometido com o ofício que irá executar.

Especificamente em relação ao cargo de presidente, o principal imaginário sociodiscursivo projetado é de um político que conseguirá unir a sociedade. Ele evidencia isso no excerto “Reafirmo *meu compromisso* de construir uma sociedade *sem discriminação ou divisão*” (BOLSONARO, 2019a, grifo nosso). Esta colocação se

mostra como contraditória a vários trechos dos discursos de Bolsonaro, inclusive a alguns anteriormente apontados. Em vários momentos de seus discursos de posse, há uma separação discursiva e axiológica de brasileiros, sendo aqueles que votaram nele e que compartilham de seus valores, os cidadãos de bem; e aqueles outros, que são contrários e problemáticos, e no seu entendimento, os cidadãos “de mal” ou “do mal”. Parece-nos ser esse um imaginário frágil, uma vez que sua contradição discursiva se faz presente pela própria organização do discurso. Como ele “construirá” uma sociedade brasileira sem divisão, já separando as pessoas por valores axiológicos opostos? A contradição é também sustentada se estabelecermos uma relação intertextual com declarações do próprio presidente realizadas em outros momentos sobre LGBTs, mulheres, negros, índios e demais grupos vulneráveis.

Considerações finais

Em linhas gerais, ao analisarmos os dois pronunciamentos de posse que marcaram o início do mandato e o institucionalizaram como presidente, percebemos que Jair Bolsonaro tenta se projetar como uma espécie de salvador/messias que seria capaz de resolver as problemáticas do país. Para isso, retoma o acontecimento de Juiz de Fora e afirma ter recebido um milagre divino por ter sobrevivido. Tal imaginário sociodiscursivo de salvador está amparado em saberes de crença relacionados à religião e mostra a tentativa de construir a imagem de uma pessoa digna de um milagre e, portanto, capaz de governar o Brasil e solucionar os problemas como uma espécie de enviado de Deus.

Os brasileiros são categorizados, pelo presidente, nos discursos de posse, de duas formas: a primeira, como cidadãos de bem, que seriam pessoas alinhadas aos valores conservadores, pensamentos políticos ultraconservadores e que se opõem frontalmente ao governo anterior. Seriam esse os cidadãos adeptos de Bolsonaro. Por oposição há, em enunciação implícita, os cidadãos de “mal”, que seriam aqueles contrários ao governo bolsonarista, ligados às ideologias políticas de esquerda e que, portanto, seriam indignos das políticas que Bolsonaro fará.

Em relação ao Brasil, o imaginário sociodiscursivo projetado se ancora novamente no domínio religioso: trata-se de um país abençoado por Deus, mas que foi corrompido pelos governos anteriores. Além disso, o problema do Brasil seriam as

peças que se opõem ao seu mandato. Assim, Bolsonaro retoma uma série de imagens disponíveis na memória social, sustentadas em pares opostos do domínio religioso: fiéis X infiéis; cristãos X hereges; crentes X pecadores. Outro imaginário sociodiscursivo projetado para o país é o de local da criminalidade e corrupção, mas como consequência e culpa dos governos anteriores e da população que os sustenta.

Ao governo, Bolsonaro busca transmitir a imagem de que será um governo compartilhado, isto é, democrático, contrário à tirania. Todavia, essa proposição não é discursivamente sustentada por argumentos sólidos, já que o enunciador prescreve o estabelecimento de um pacto entre poderes. O uso do léxico pacto nos permite entender a existência de um elo contratual forte, projetando o sentido de garantia de seu cumprimento acima de quaisquer circunstâncias. Ainda, a sinalização diretiva de um pacto coloca sob suspeição a autonomia constitucional dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. A adoção de um pacto de tais instâncias pode provocar a justaposição de um poder sobre o outro.

Por fim, é preciso salientar que os discursos de posse de Bolsonaro, de forma geral, não apresentam efetivamente propostas políticas para o país. Uma vez que tal gênero discursivo pode ser considerado como primeiro ato institucional do presidente, Bolsonaro parece não dar importância ao projeto político-governamental que seu mandato deveria instaurar. Na primeira oportunidade de fala como presidente empossado, Jair Bolsonaro constrói seu discurso com uma visada discursiva principal: a desqualificação do governo que o antecedeu, a confirmação dos imaginários sociodiscursivos mobilizados na campanha eleitoral para o Brasil, os brasileiros e os governos e a sustentação de tais imaginários majoritariamente no domínio religioso e no saber de crença pautado na opinião e nos julgamentos e avaliações individuais.

Referências

AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BOLSONARO, Jair. **Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional**, 2019a. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do->

presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional.
Acesso em: 24 set. 2019.

BOLSONARO, Jair. **Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante cerimônia de Recebimento da Faixa Presidencial**, 2019b. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-recebimento-da-faixa-presidencial>. Acesso em: 24 set. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, Fortaleza, v.7, n.1, p. 571-591, jan./jun. 2017. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/28575/1/2017_art_alsilvarmangrisano.pdf. Acesso em: 14 jun. 2019.

FICHA DO CANDIDATO A PRESIDENTE JAIR BOLSONARO - PSL. Folha de S. Paulo, São Paulo, 2018. Eleições 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes/2018/presidente/jair-bolsonaro-280000614517.shtml>. Acesso em: 3 abr. 2019.

FOLHA DE S. PAULO; SPOTIFY STUDIOS. **O povo e a posse de Bolsonaro**. Café da Manhã, 2 jan. 2019. Podcast, 13min42s. Disponível em: <https://spoti.fi/2VidP1B>. Acesso em: 2 abr. 2019.

MIRA, Gustavo Fernandes Paravizo. **Visibilidade e Representação: As Conexões Midiáticas e Políticas dos Deputados Federais da Zona da Mata Mineira**. 2017, 283f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. Os imaginários sócio-discursivos sobre o homem do campo difundidos pelos quadrinhos de Chico Bento. **Revista Investigações**, Pernambuco, v. 22, n. 2, p. 181-203, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1356/1028>. Acesso em: 12 jun. 2019.

ROSA JÚNIOR, Mário. Introdução. In: João Bosco Bezerra. **Palavra de presidente: os discursos presidenciais de posse, de Deodoro a Lula**. LGE Editora. 2008. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/91988>. Acesso em: 15 maio 2019.